

As diversas faces da perda: o luto para a psicanálise

Andressa Mayara Silva Souza¹

Suely Aires Pontes²

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

² Profa. Dra. da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

INTRODUÇÃO

As vivências de perda apresentam-se por vezes como experiências de difícil elaboração. O luto, como um processo relacionado à perda, pode manifestar-se de diferentes formas na vida do sujeito. De modo geral, refere-se a um modo de elaboração dessas perdas, ao longo de um determinado período, impondo ao sujeito um doloroso trabalho, tal como Freud em *Luto e Melancolia* (1917) o denomina: *Trauerarbeit*, o trabalho do luto.

Em um texto publicado em 1915, intitulado *Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte*, Freud apresenta a relação entre perda e morte, salientando que essa última passou a ser refletida pelo homem a partir de sentimentos ambíguos em relação ao outro. Esses sentimentos oriundos da perda iriam, por sua vez, influenciar no modo como o luto seria vivenciado. Nessa publicação, Freud (1915) expressa que a morte de um inimigo seria mais bem compreendida – considerando os tempos primitivos em que o homem necessitava, por vezes, eliminar o outro para sobreviver – do que a perda de um ente querido. É, segundo Freud (1915), por querer evitar a vivência de perda de um ente querido que o homem criou a ideia de continuidade e permanência, de existência de uma vida após a morte.

Dois anos depois, em *Luto e Melancolia* (1917), Freud apresenta a noção de luto como “a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante” (p. 129). Nesse sentido, considera que a natureza dos afetos trazidos pelo luto se apresenta como um sentimento profundo, de doloroso abatimento, perda de interesse pelo mundo externo e da capacidade de escolher um novo objeto de amor. Trata-se de uma necessária reorganização libidinal de investimento em objetos que mobiliza o eu e moções inconscientes. Como consequência, a Psicanálise confere ao luto um caráter singular, que pode ser vivenciado de diversas formas, envolvendo perdas relacionadas à morte propriamente dita, ou perdas subjetivas.

Ainda em *Luto e Melancolia* (1917), Freud se propõe distinguir o luto da melancolia, apresentando o primeiro como um trabalho psíquico necessário, enquanto a melancolia estaria caracterizada por um doloroso abatimento psíquico, com perda de interesse pelo mundo externo e da possibilidade de amar, havendo diminuição da autoestima. O que irá estabelecer uma diferenciação entre o luto e o estado de melancolia será esse último aspecto, a diminuição da autoestima, que só se faz presente na melancolia (Freud, 1917). Sobre o ato de recriminar-se presente na melancolia, que pode estar relacionado com a diminuição da autoestima, Freud (1917) aponta que este se justifica em virtude de o sujeito não recriminar a si, mas ao objeto amoroso que foi perdido. Nesse sentido, o empobrecimento do eu pode ser compreendido por uma identificação do sujeito com o objeto perdido, uma vez que o investimento objetal não foi forte o suficiente para deslocar-se para outro objeto, retornando, então, ao próprio sujeito (Freud, 1917). Daí decorre a afirmação freudiana, “a sombra do objeto caiu sobre o Eu” (p. 133), que busca evidenciar o caráter de identificação do Eu com o objeto, presente nos estados de melancolia.

Compreendendo o luto como um processo de elaboração, Freud considera que, com o tempo, este seria naturalmente superado, pois como afirma: “[...] jamais nos ocorre ver o luto como um estado patológico e indicar tratamento médico para ele [...] confiamos que [o luto]

será superado após certo tempo, e achamos que perturbá-lo é inapropriado, até mesmo prejudicial” (Freud, 1917, p. 129). De modo distinto ao luto, a melancolia apresenta-se como o estado patológico de reação à perda. Nesta, o sujeito não sabe o que foi perdido como objeto de amor, diferentemente do luto, em que a perda não se apresenta de forma inconsciente (Freud, 1917). Uma vez que no luto a vivência da perda é colocada conscientemente, há, de um ponto de vista econômico, um grande gasto de energia por parte do sujeito, uma vez que em um determinado momento “o exame da realidade mostrou que o objeto amado não mais existe, e então exige que toda libido seja retirada suas conexões com esse objeto” (Freud, 1917, p. 130).

Freud (1917) aponta que mesmo após a perda, a existência do objeto perdido se prolonga na psique, havendo uma hipercatexia desse objeto. A partir de cada lembrança trazida, a libido que se ligava ao objeto é superinvestida, contudo a realidade comprova sucessivas vezes que o objeto amado não mais existe, motivando o desligamento da libido. Dado o cumprimento do trabalho do luto, o Eu ficará novamente livre. Freud (1917) afirma que diante do exame da realidade, que comprova que o objeto não mais existe, o Eu precisa fazer a escolha de manter ou não o direcionamento a esse objeto. Em virtude disso, este é convencido pelas forças narcísicas a se manter vivo e, portanto, a romper o vínculo com o objeto amado. Nesse processo, “o luto leva o Eu a renunciar ao objeto, declarando-o morto e oferecendo ao Eu o prêmio de continuar vivo” (Freud, 1917, p. 142). É por meio desse trabalho que a representação do objeto é desinvestida e o sujeito pode encontrar novos substitutos. O teste da realidade atua, nesse sentido, para a preservação do ego. Ainda no texto de 1917, Freud defende que se um objeto não tem para o Eu grande significação sua perda não trará sentimentos fortes o bastante para produzir a vivência do luto. Isso explicaria o caráter singular da perda, uma vez que para algumas pessoas esta se coloca como uma vivência muito dolorosa, enquanto para outras não.

Comentando o texto freudiano, Rivera (2012) afirma que os sentimentos de tristeza trazidos pelo luto não são dessemelhantes de um estado de normalidade. A autora indica que esses sentimentos “podem ser o sinal de que um importante trabalho subjetivo está em marcha, operando a perda do objeto e implicando uma remodelagem do eu” (Rivera, 2012, p. 235). A mesma autora aponta que uma das principais contribuições de *Luto e Melancolia* é o fato de Freud trazer a ideia de que não basta que o objeto desapareça para que nos separemos dele. “É necessário um verdadeiro trabalho psíquico de perda, [...] tarefa lenta e dolorosa através da qual o eu não só renuncia ao objeto, dele se desligando pulsionalmente, como se transforma, se refaz no jogo com o objeto” (Rivera, 2012, p. 234).

Melanie Klein, em sua contribuição à teoria psicanalítica, trouxe novas elaborações acerca do trabalho do luto. Para a autora, o processo de desmame se constitui como o primeiro luto vivenciado pelo bebê, ativando uma posição depressiva do desenvolvimento (Cavalcanti et al., 2013). É por meio do luto que a perda do seio materno – fonte primária de alimento e prazer – é vivenciada pela criança. O luto adulto, por sua vez, seria uma reativação da posição depressiva arcaica (Klein, 1971; Klein, 1961). Como afirmam Cavalcanti, Samczuk e Bonfim (2013, p. 91):

Melanie Klein também o concebe [o luto] como uma perda objetal e, em cujo processo haverá uma reativação de experiências tidas no princípio do desenvolvimento psíquico humano. [...] Nesse processo haverá uma reativação do que [Melanie Klein] chamou de “posição depressiva” arcaica. Assim, o que é acrescido em Klein, é que o luto não se refere apenas a uma perda objetal real, mas também simbólica.

Para Melanie Klein, no processo de luto infantil em sua relação com a posição depressiva, o objeto de amor é introjetado e instalado no mundo interno do sujeito. Sendo assim, quando há o trabalho do luto na idade adulta, o sujeito tem uma fantasia inconsciente de que, em virtude da perda desse objeto, todos os outros objetos bons serão perdidos, predominando os objetos maus, ativando por sua vez a posição depressiva e os sentimentos de ansiedade, como ressaltam Cavalcanti, Samczuk e Bonfim (2013).

Se em Freud (1917) a melancolia é apresentada como o estado patológico decorrente de uma perda, Klein (1961) define, em sua teorização, um outro modo de relação com a perda e propõe a noção de “luto anormal”. Este seria desencadeado pela não superação da posição depressiva arcaica. No que concerne à versão patológica do luto, Cavalcanti, Samczuk e Bonfim (2013, p. 99) destacam que

[...] há uma interminável ligação com o objeto perdido, e uma indiferença pela perda, resultado de um abafamento de sentimentos. Podendo causar uma psicose grave caso o ego recorra a uma fuga para os objetos internos bons, ou uma neurose caso o ego recorra a uma fuga para objetos externos bons.

A teorização de Melanie Klein sobre o luto articula-se, portanto, à constituição do eu e à posição depressiva a fim de discorrer sobre as vivências de luto na idade adulta, enfatizando a possibilidade de se pensar o luto patológico.

Jacques Lacan, em um novo modo de leitura da Psicanálise freudiana, também traz contribuições acerca do luto. Se, para Freud, o luto é apresentado como um desligamento de vínculos, na compreensão lacaniana da perda, “essa tarefa implica na sustentação e manutenção desses vínculos, mesmo no vazio do objeto” (Viola, 2008, p. 49). Há uma diferenciação dos dois pontos de vista, no sentido de que, na teoria freudiana, há um desinvestimento libidinal do objeto para substituí-lo por outro; Lacan, por sua vez, toma desse princípio e acrescenta o papel do simbólico e do imaginário, pois “a tarefa consiste em manter os laços com o objeto a , sustentando o simbólico e o imaginário para um outro fazer com o objeto a ” (Viola, 2008, p. 51).

Ao comentar *Luto e Melancolia* (Freud, 1917), Lacan utiliza as notações a e $i(a)$ para designar o a como aquilo que não se tem, como o objeto que causa o desejo; e o $i(a)$ para representar a função central de investimento narcísico, a imagem especular do sujeito. Peres (2006) destaca que, para Lacan, a distinção entre a e o $i(a)$ poderia explicar o que diferencia o luto da melancolia: “enquanto o problema do luto é o da manutenção dos vínculos por onde o desejo está suspenso de $i(a)$, isto é da imagem especular, no que se refere à melancolia temos que pensar na relação com o a ” (p. 41).

Ainda no que concerne à concepção lacaniana acerca do luto, Peres (2006) afirma que a maior contribuição de Lacan se dá em torno do lugar da perda do objeto na estruturação do sujeito e na constituição do desejo deste. Nesse sentido, Lacan desloca as concepções sobre a relação de objeto para uma teoria sobre a *falta* deste (Peres, 2006). Para Lacan, o luto decorrente da perda do seio materno irá estruturar a condição desejante do sujeito, na medida em que “o desejo repousa sempre sobre uma falta, e o objeto se constitui sobre o vazio de um suposto objeto de satisfação plena” (Peres, 2006, p. 39).

Peres (2006) aborda a relação estabelecida por Lacan entre perda, luto e desejo, articulando-os à falta. Essa falta diz respeito não apenas ao que faz falta, mas a uma culpabilidade originária e inconsciente, uma vez que o sujeito padece de uma culpa, como se

ele fosse o responsável por sua perda. Essa autora aponta ainda que, para Lacan, essa culpa originária estaria relacionada ao gozo, sendo este aquilo que é excluído do simbólico. Nesse sentido, e em virtude do vazio dessa falta, o sujeito recorre ao significante, inserindo-se no universo simbólico.

Em sua releitura da teoria freudiana, Lacan afirma que a observação trazida por Freud referente à identificação do sujeito com o objeto, e sua expressão como “vingança” de quem sente o luto, não é suficiente para dar conta do fenômeno (Lacan, 1963). De acordo com o psicanalista francês, a experiência do luto é tomada à medida que se compreende o fato de que o objeto a que se refere o luto era aquele que se fizera ou que foi feito como suporte da castração, o que corrobora a suposição de que a partir do luto o sujeito seria devolvido a uma posição de castração (Lacan, 1963).

Nasio (1997), citado por Cazanatto (2014), apresenta uma reflexão acerca do trabalho do luto em sua relação com a dor, que se distingue dos argumentos anteriormente apresentados. Para esse autor, a dor psíquica é causada não pela ausência do outro, mas pelo vazio da perda com a qual o desejo se depara. Segundo Cazanatto (2014) “a dor é o real que invade, e a simbolização só será possível mais tarde, quando se iniciar o trabalho de luto” (p. 549). Nessa perspectiva, a dor é causada por uma necessidade de separação, demandando ao sujeito uma reconstrução da vida sem o outro.

Pode-se perceber, a partir do exposto anteriormente, que o luto é apresentado de diferentes modos na teorização psicanalítica, variando de acordo com o autor estudado. Reconhecendo essa diversidade, propomos uma revisão de literatura com o objetivo de caracterizar a produção sobre o tema luto na literatura psicanalítica atual. A justificativa para esta pesquisa fundamenta-se na relevância acadêmica do tema, tanto em sua formulação e conceituação teóricas quanto por sua presença na prática clínica contemporânea.

MÉTODO

Nas palavras de Moreira (2004), a revisão de literatura é um tipo de texto que reúne e analisa informações produzidas em determinada área de estudo, dentro de um recorte de tempo. Pode ser a revisão de um trabalho completo ou aparecer como componente de uma publicação, por exemplo. Partindo dessa definição, a presente pesquisa é uma revisão de literatura com caráter qualitativo e exploratório. Entende-se por pesquisa exploratória, de acordo com Gil (2002), aquelas que têm por objetivo o desenvolvimento de ideias no intuito de fornecer hipóteses que possam ser testadas posteriormente. De acordo com esse autor, a pesquisa exploratória visa possibilitar ao pesquisador a imersão deste na literatura disponível acerca do problema em questão (Gil, 2002).

Para análise das amostras, será utilizado como aporte metodológico a Análise do Discurso que, conforme apontam Caregnato e Mutti (2006), ao tomar o discurso como objeto, esse tipo de análise não concebe a linguagem como um simples meio de refletir ou descrever o mundo, mas compreende o discurso importante na construção da vida social. A Análise do Discurso constitui-se, portanto, em uma disciplina de interpretação, resultante da intersecção entre diferentes saberes, tais como o materialismo histórico, a Linguística e a Psicanálise. Esse processo de análise tem como objetivo interrogar os diferentes sentidos manifestos nas diversas formas de produção, considerando, sobretudo, o caráter das relações de força e poder inerentes à construção do conhecimento (Caregnato & Mutti, 2006, p. 680).

Souza, Andressa Mayara Silva; Pontes, Suely Aires. As diversas faces da perda: o luto para a psicanálise

A pesquisa pelos estudos foi realizada por meio da busca eletrônica de artigos indexados nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e *Periódicos Eletrônicos de Psicologia* (PePSIC), a partir da palavra-chave *luto*. A amostra compreendeu publicações de artigos indexados em periódicos, selecionados a partir de uma leitura prévia dos resumos anexados, tendo os seguintes critérios de inclusão: I- *veículo de publicação* – optou-se pela pesquisa por meio de periódicos indexados, por se tratarem de órgãos de maior circulação e melhor acesso; II- *idioma de publicação* – artigos publicados em língua inglesa, francesa, espanhola ou portuguesa, III- *ano de publicação* – foram selecionados artigos publicados no período de 2005 a 2016, totalizando um período de 11 anos; IV- *referencial teórico adotado* – trabalhos que abordassem o luto a partir do referencial teórico da Psicanálise.

Utilizando-se dos critérios para inclusão das referências, foi realizado um levantamento preliminar por meio de leitura seletiva dos resumos encontrados. Posteriormente, para melhor organização e compreensão do material, elaborou-se uma tabela com informações de cada artigo, tais como: nome do artigo, autores, base de dados, ano de publicação, revista de publicação, tipo de pesquisa e ideia central. A organização da tabela pôde possibilitar uma melhor caracterização e visualização dos estudos.

No primeiro momento da pesquisa, sem a aplicação dos critérios, a base de dados SciELO, possibilitou identificar um total de 65 artigos quando pesquisados a partir da palavra-chave “luto”. Ao aplicar os critérios determinados, desse total, 16 artigos puderam ser recuperados. Para a base de dados PePSIC, a pesquisa apresentou o total de 63 artigos encontrados, sendo destes 25 selecionados a partir dos critérios adotados. Foi possível identificar que um artigo repete-se entre as bases de dados. No total, após aplicação dos critérios de inclusão, a amostra compreendeu 40 artigos.

Dos artigos recuperados, foi realizada uma leitura de cada estudo, agrupando-os em categorias temáticas, com o objetivo de possibilitar uma melhor compreensão e síntese dos resultados. As categorias foram organizadas de acordo com a similaridade entre os pontos abordados em cada artigo, havendo ainda subcategorias. Tendo por base os temas trazidos pelos estudos da amostra, foi possível caracterizar a literatura acerca do luto a partir das seguintes categorias: I- Modos de elaboração do luto; II- Luto e outros conceitos; e III- Luto em grupos.

CARACTERIZAÇÃO DA LITERATURA

A análise da amostra possibilitou caracterizar o acervo da revisão a partir dos aspectos ano e região de maior publicação. No que se refere ao ano, as bases consultadas demonstraram um maior número de trabalhos produzidos no ano de 2013, podendo-se considerar, a partir disso, que há uma prevalência de estudos recentes que abordam o luto. Foi possível verificar que a maioria dos trabalhos publicados é da região Sudeste, mais especificamente do estado de São Paulo. Além disso, observa-se que os trabalhos se encontram publicados em sua grande maioria em revistas de Psicologia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A organização dos trabalhos em categorias possibilitou obter um panorama do material encontrado. A seguir, encontra-se a discussão e detalhamento dos principais achados dos

artigos a partir da análise realizada. Como primeiro momento, serão discutidos os modos de elaboração do luto apresentados pela literatura.

1 Modos de elaboração do luto

Foi possível identificar na literatura uma ampla variedade de trabalhos que tratam do luto a partir de experiências clínicas em seus diferentes modos de elaboração. Dentre as diversas vivências de luto, a literatura apresenta casos de luto por morte do genitor (Franco & Mazorra, 2007; Batistelli, 2010; Tanis, 2009), morte de filhos (Oishi, 2014; Cazanatto & Martta, 2014; Cremasco & Pimenta, 2015; Lorenzi, 2012), perda perinatal (Iaconelli, 2007), perdas por amputação (Seren & Tilio, 2014), e perdas de entes queridos (Adamo, 2010). Entre os modos de elaboração encontrados, os autores tratam da elaboração do luto pela vinculação com outros objetos, como nos casos de toxicomania (Silva & Ulhôa, 2015); e a realização de tatuagens memoriais como forma de ritualização das perdas (Pinho & Rosa, 2013), pontuando a singularidade de cada caso e a importância do manejo clínico para o processo de elaboração.

No que concerne às vivências de luto por morte do genitor, a literatura apresentou a vinculação entre o luto e as fantasias do sujeito enlutado, principalmente se o luto for vivenciado por crianças. De acordo com Franco e Mazorra (2007), com a morte dos pais, há também a morte da ilusão narcísica de onipotência da criança, sendo essa ilusão necessária para uma fonte de segurança na infância. Nesse sentido, a fantasia irá atuar no luto como a realização imaginária dos desejos da criança. Franco e Mazorra (2007) expressam que seria possível compreender a dinâmica do luto por meio das fantasias, tendo em conta os sentimentos e sintomas envolvidos, assim como o modo como a criança processa a realidade da perda do genitor.

No tocante à relação entre as fantasias na elaboração do luto por perda dos pais, Franco e Mazorra (2007) destacam a existência de fantasias que podem estar associadas à complicação da elaboração do luto e fantasias que refletem processos elaborativos. Entre as fantasias envolvidas na dificuldade de elaboração do luto, podem-se evidenciar fantasias de *culpa de caráter persecutório* (ser culpada pela morte do genitor); e no que se refere às fantasias que se associam ao processo de elaboração do luto, destacam-se as *fantasias de identificação* com aspectos considerados positivos do genitor (Franco & Mazorra, 2007, p. 510). A compreensão das fantasias e do processo de enlutamento da criança possibilita auxiliá-la na compreensão do que vivencia e, portanto, no processo de elaboração da perda.

Outro aspecto apresentado pela literatura referente ao luto decorrente da morte do genitor, diz respeito ao uso do *setting* analítico como viabilizador de uma elaboração positiva do luto. Batistelli (2010) aponta, em um caso clínico apresentado, que o espaço criado nas sessões analíticas pôde colaborar para a elaboração do luto de um garoto pela perda precoce do pai. A autora afirma, a partir da experiência do caso clínico e utilizando-se da Psicanálise winnicottiana, que a atenção dada ao manejo do *setting* era o elemento que atribuía significado ao processo de elaboração do luto durante as sessões (Batistelli, 2010). A importância no manejo do *setting* diz respeito também à posição do analista em favorecer um espaço propício à elaboração do luto, considerando a singularidade do sujeito na realização do trabalho de luto. Nas palavras de Batistelli (2010), “um trabalho que ele [o paciente] não tinha ainda condições internas de efetuar, e só poderia fazê-lo na companhia de alguém que a isso se

dispusesse. [...] de uma forma muito criativa, ele pode usar o nosso espaço para construir esse caminho” (p. 161).

Existem também apontamentos que concernem às elaborações do luto decorrente da perda de filhos ou perda perinatal. Iaconelli (2007) traz a noção de luto “insólito e desmentido” para descrever as vivências de luto decorrentes de óbito de feto, recém-nascidos ou bebês com má formação. É relevante considerar, a partir disso, que “há uma mãe desejante em toda gestação, mesmo que impere a ambivalência” (Iaconelli, 2007, p. 617), e que essa gestação envolve, portanto, expectativas e fantasias que notoriamente são atribuídas ao bebê. Esse estudo demonstrou que, nesses casos, a diminuição do sofrimento dos pais pode efetivar-se a partir da aceitação do bebê real – nos casos de má formação –, salientando, sobretudo, que isso deve ter conformidade com o desejo dos pais (Iaconelli, 2007).

Isso vem ao encontro do argumento apresentado por Franco (2015), que indica a dimensão de um *pathos* no luto vivido pelos pais, decorrente do nascimento de crianças com deficiência. Por *pathos* compreende-se a paixão inicial que os pais atribuem ao bebê e que pode surgir como obstáculo no processo de elaboração do luto consequente da perda da criança idealizada (Franco, 2015). Essa idealização direcionada ao bebê é marcada por um desejo narcisista por parte dos pais, narcisismo esse que será fundamental para a vinculação da mãe com a criança e suas futuras exigências. De acordo com esse autor, o nascimento da criança com deficiência implica um sentimento de desilusão por parte dos pais, uma vez que esse nascimento pode fazer ressurgir, de forma real, todas as angústias e ansiedades que acompanham a gravidez. A elaboração, nesses casos, não se refere à recuperação de vínculo, mas, sobretudo, à possibilidade de criar um vínculo com esta “outra” criança que permanece, pois, como aponta Franco (2015), “se o que foi idealizado não nasceu, pois era o “outro”, há agora uma criança a ser cuidada e investida emocionalmente como filha” (p. 214). Nesses casos, o processo não se limita ao luto e sua elaboração, pois a questão que também surge é o que fazer e como lidar com essa criança que permanece.

Retomando o trabalho de Iaconelli (2007), vale salientar que ela utiliza o termo “insólito” para caracterizar as vivências de perda de filhos, uma vez que a singularidade presente nessas vivências demonstra o caráter incompreensível e, por vezes, irreconhecível, que envolve esse luto. A autora defende que “há algo da perda deste objeto que não se oferece à percepção [...]. Observamos que as reações das pessoas à notícia da perda de um bebê são sentidas e interpretadas pelos pais como, no mínimo, desconcertantes” (p. 615). No tocante aos afetos envolvidos nesse processo e ao modo de elaboração que pode ser apresentado, é possível uma negação do sofrimento por parte dos pais, o que revela o caráter de desmentido dessa perda (Iaconelli, 2007). Esse desmentido, como afirma a autora, é o que se apresenta como obstáculo ao processo de elaboração da perda. Iaconelli (2007) afirma que na maioria dos casos de luto perinatal os pais não realizam processos ritualísticos de simbolização da perda, por questões sociais e culturais, o que ilustra a impossibilidade de atribuir à morte do bebê um significado de perda de um filho. Convém ressaltar que, nesses casos, nem sempre o que os pais vivenciam socialmente coincide com a possibilidade de elaboração do luto e somente uma escuta sensível poderá sinalizar a diferença existente nesses processos (Iaconelli, 2007). Outro aspecto que pode ser apontado a partir disso diz respeito ao modo como a modernidade evita o contato com o sofrimento por meio da negação, alimentando uma fantasia de onipotência da tecnologia médica. Iaconelli (2007, p. 615) afirma que

Souza, Andressa Mayara Silva; Pontes, Suely Aires. As diversas faces da perda: o luto para a psicanálise

Não podemos deixar de apontar esta forma alienante de contato com o sofrimento como variável deletéria na elaboração do luto, pois acreditamos que, ao lançarmos luz sobre o funcionamento psíquico do indivíduo, incorremos no risco de ignorar os efeitos da cultura sobre o assunto.

Em outro modelo de considerações acerca do papel da cultura na elaboração do luto, Pinho e Rosa (2013) destacam a realização de tatuagens como um ritual de elaboração posto pelo sujeito que tem sido disseminado na atualidade. A realização de tatuagens, como uma forma de simbolizar o que foi perdido, possibilita dar ao luto um lugar de ato público. De acordo com as autoras, “marcar no corpo a memória daquela perda é um modo singular de convocar o jogo simbólico e expor o luto de seu portador” (Pinho & Rosa, 2013, p. 18). Sobre a realização de ritos no processo de elaboração, as autoras partem da ideia trazida por Lacan, que aponta que esses ritos teriam a função de inserir significantes no furo aberto do real, simbolizando os sentimentos trazidos pela perda (Pinho & Rosa, 2013, p. 21). Portanto, a simbolização trazida por esses ritos consiste em fornecer linguagem e nomear estes estados de dor que se colocam como incompreensíveis. A dimensão coletiva trazida por esses rituais permite a elaboração singular do luto diante da imposição de não expor aquilo que se sente, retirando o sujeito do silenciamento de sua dor.

Nessa mesma linha de consideração, Kovács (2008), citado por Seren e Tilio (2014), afirma que a perda envolve uma diversidade de sentimentos, sendo sua expressão essencial no processo de elaboração do luto. De acordo com a autora, a atualidade tem imposto um modo de controle da expressão subjetiva, principalmente na demonstração dos sentimentos de tristeza. Essa inibição dos sentimentos pode produzir uma cronificação do processo de luto, tornando-o patológico (Seren & Tilio, 2014). Nesse sentido, foi possível observar, a partir da literatura pesquisada, que a cultura tem desempenhado um importante papel no modo como o luto será elaborado, podendo favorecer ou dificultar esse processo. A aceitação e compreensão do luto, sendo um trabalho necessário, viabiliza a possibilidade de simbolização e representação da perda de forma mais positiva.

Em situações como a morte de um filho, é relevante considerar que, ao lado das condições culturais de significação da perda, há uma mãe privada de seu objeto investido previamente, e que se deve respeitar e possibilitar as melhores condições para a elaboração do luto (Iaconelli, 2007). O processo de elaboração pela perda de um filho também é abordado por Oishi (2014), que salienta a importância de que os pais tenham um espaço onde possam expor seus sentimentos e, sobretudo, simbolizar, dando um outro lugar ao filho perdido. O analista deve atuar nesse sentido, em uma posição que auxilie o paciente na exteriorização da dor e na elaboração do luto.

Ainda no tocante aos modos de elaboração do luto decorrentes da perda de um filho, cabe citar o trabalho de Ireland (2011), que se refere à experiência de uma mãe que vivencia o luto em decorrência do suicídio da filha, ato que tem outra inscrição social e cultural. Nesse caso, a filha da paciente já teria tentado suicídio em outro momento, o que propiciou uma vivência de “luto antecipado” por parte da paciente. Esse luto antecipado foi experienciado como uma representação prévia dos sentimentos e afetos que poderiam surgir a partir da morte da filha, sendo este “vivido como um estado de espera pela morte real, possível de acontecer a qualquer momento” (Ireland, 2011, p. 156). Nesse caso, foi necessário, portanto, a existência de mais de um trabalho de luto, um primário, antecipado; e um secundário, para que o processo de elaboração pudesse ocorrer. Dentre as formas de lidar com a perda da filha, foram aparecendo vários processos que envolviam desde a identificação com o objeto perdido,

Souza, Andressa Mayara Silva; Pontes, Suely Aires. As diversas faces da perda: o luto para a psicanálise

além de sentimentos de ódio e culpa por não ter evitado o ocorrido. Essa noção da presença de sentimentos de ódio no processo de elaboração do luto vem ao encontro do argumento trazido por Seren e Tilio (2014) que, ao apresentarem o luto por amputamento de membros, destacam que o trabalho do luto envolve estágios, sendo um destes o sentimento de raiva como sendo uma agressão ao meio externo ou a si próprio, de modo a tentar compensar a perda presente no corpo.

Retomando o caso clínico relatado, Ireland (2011) considera que a elaboração de sua paciente começou a surgir pela via da sublimação, quando expressou estar sentindo uma atração por bebês, revelando seu desejo de ser avó. Sobre o processo sublimatório na elaboração do luto, Nasio (1997), citado por Ireland (2011), salienta que

A imagem do ser perdido não deve se apagar; pelo contrário, ela deve dominar até o momento em que – graças ao luto – a pessoa enlutada consiga fazer com que coexistam o amor pelo desaparecido e um mesmo amor por um novo eleito. Quando essa coexistência do antigo e do novo se instala no inconsciente, podemos estar seguros de que o essencial do luto começou. (p. 163)

Além da sublimação, a *mania* pode ser um outro modo de elaboração que o trabalho do luto faz surgir. Em *Luto e Melancolia* (1917), Freud apresenta a mania como um grande gasto de energia, desnecessário e excessivo, direcionado a situações adversas, que resulta em um estado elevado de euforia. É importante salientar que em 1917 Freud não articula diretamente a mania com a operação de luto; contudo, em uma análise de experiências clínicas, Rudge (2008) relata um movimento no qual o Eu vence o luto, apresentando sentimentos de triunfo pela “derrota” do objeto perdido. A analogia com os estados de mania configura-se nos casos em que o Eu toma a elaboração da perda como um livramento do objeto que o fazia sofrer, orgulhando-se com sentimentos de triunfo e prazer (Rudge, 2008). Considerando a ambivalência que é inerente à relação com o objeto e o grande dispêndio de energia que o trabalho do luto exige, Rudge (2008) utiliza-se das palavras de Freud para supor que a energia mobilizada no trabalho do luto poderia ser liberada para outros destinos e assim provocar, no luto, uma fase de triunfo que seria análoga aos estados de mania. A autora ilustra essa hipótese com casos clínicos que apresentam um elevado aumento de sentimentos narcísicos e de estados eufóricos de desejo sexual.

Outra perspectiva de elaboração da perda é relatada por Besset (2007), ao indicar que, em alguns casos, o sujeito apresenta *angústia*, e não luto ou melancolia diante das situações de perda. Nesses casos, há a hipótese de que o sofrimento parece estar mais relacionado a um sentimento de decepção, em vez de referir-se propriamente a uma tristeza pela ausência do objeto de amor. Besset (2007) questiona a dimensão do objeto que estaria implicado nessa perda: “É da perda de um objeto de amor que se trata aí ou, como é possível supor, da perda de uma posição de gozo, de satisfação pulsional?” (p. 186). A autora utiliza o argumento trazido por Freud no texto *Introdução ao Narcisismo* (1914) para explicar que o fato de amar o outro em si rebaixa a autoestima, enquanto a posição ser amado produz o inverso (Besset, 2007). Outro aspecto levantado por Besset (2007) diz da singularidade de estar inserido na linguagem, e que essa linguagem já implica uma perda, sendo preciso consentir com ela para que seja realizado o trabalho de elaboração do luto.

Silva e Ulhôa (2015) apresentam outro modo de relação com a perda ao analisar um caso clínico e apresentar experiências em que há o uso abusivo de substâncias, como o álcool, durante o processo de luto. Nesse caso, o uso dessa substância apareceu como recusa ao

desamparo deixado pela perda do objeto. O desprendimento da realidade trazida pela toxicomania seria o modo de elaboração que o sujeito encontrou para realizar o trabalho do luto e evidenciava a sua posição diante dos conflitos psíquicos associados à dor decorrente das sucessivas perdas que havia sofrido (Silva & Ulhôa, 2015, p. 504). No caso clínico apresentado, foi possível observar que, mesmo a partir da exigência imposta pela realidade – que o objeto não mais existe –, o sujeito insistia na recusa ao abandono do objeto perdido, recorrendo ao álcool como aquilo que intensificava a dor de sua perda, afastando-o da realidade existente ao seu redor. A elaboração, nesse caso, envolvia a manutenção da dor por meio do abuso do álcool, como forma de manter um vínculo com o objeto perdido. Haveria nessa situação duas formas de recusa por parte do sujeito: “a recusa da perda representada pela peculiaridade do processo de luto e o anestesiamento do corpo como forma de distanciamento da realidade” (Silva & Ulhôa, 2015, p. 510).

2 LUTO E OUTROS CONCEITOS

O luto é apresentado como um fenômeno que adquire múltiplas formas e, portanto, possibilita diferentes modos de compreensão. Nesse sentido, a revisão de literatura realizada tem corroborado essa hipótese ao apresentar trabalhos que articulam o luto a outros conceitos da Psicanálise. Assim sendo, foi possível encontrar textos teóricos que tratam da articulação entre: Luto e Lembrança (Menezes, 2007); Amor e Luto (Mello, 2011); Luto e Apego (Nascimento, C; Coelho, M; Jesus, M; Martin, W; 2006); Luto, Melancolia e Depressão (Goulart, 2008; Pinheiro, 2010; Schmidt, 2013; Monteiro, 2008); Luto e Sublimação (Mellor, 2010); Luto e Final de Análise (Saigh, 2009; Assis, 2013); Luto e Desejo (Castilho & Bastos, 2013; Vieira, 2005; Siqueira, 2007) e Luto e Identificação (Lopes & Pinheiro, 2013; Indursky & Conte, 2015; Campos, 2013). A seguir, apresentaremos de forma breve estas aproximações entre o luto e diferentes conceitos.

No tocante à articulação entre luto e lembrança, Menezes (2007) traz como ponto de partida a defesa de que o automatismo posto pela repetição se coloca como a evitação da rememoração e do reconhecimento do desejo existente. Uma vez que esse reconhecimento não pode ser realizado, haverá a desistência do gozo, que está implicado no sintoma e na transferência (Menezes, 2007). A lembrança irá advir disso, pois se refere ao luto de um objeto, uma idealização daquilo que foi perdido, estimulando o Eu a novos empreendimentos libidinais a partir desta perda que lhe é própria – a lembrança. Menezes (2007) indica a semelhança entre luto e lembrança: os dois processos sugerem um retorno pulsional, por meio do qual o Eu descobre o prazer imerso no ato de experimentar e aceitar as marcas do objeto passado. Traçando um paralelo entre a rememoração e o trabalho do luto, a autora expressa que se a fala é aquilo que se perde na repetição, a rememoração vai trazer pouco a pouco a ligação com aquilo que foi perdido, para que seja feita uma nova elaboração. Outro aspecto semelhante é comentado por Schmidt (2013), que aponta a relação entre o luto e a palavra, explicitando que essa última seria adquirida somente à custa de um mal-estar, de um luto primário. Nesse sentido, a palavra irá desempenhar a função de recuperar no plano imaginário ou simbólico o objeto perdido.

Ao pensar em novos modos de compreensão do luto, Mello (2011, p. 161) aborda a relação deste com o amor em análise. Para o autor, “o amor em análise é parte da elaboração permanente dos lutos, um amor que suporta perdas, desligamentos e renúncias para, desse

modo, impedir que a memória intervenha e impeça a percepção do presente, enquanto se abre ao futuro”. Mello (2011) traz uma reflexão acerca dos modos de vinculação existentes, defendendo que, como pulsão, Eros irá promover sempre a possibilidade de ligar e desligar, vincular-se e desvincular-se, de modo que a constituição do sujeito seja atravessada por sucessivos lutos. Está implicado aí o caráter de desejo inerente ao sujeito que, de todo modo, é suscetível à perda em virtude da busca incessante por um objeto que não lhe é permitido alcançar. Sobre os modos de desvinculação, cabe citar o trabalho de Coelho *et al.* (2006) que menciona a importância do apego no modo como a perda será vivenciada. Os autores afirmam que a relação com aquilo que foi perdido terá características distintas dependendo do modo como o sujeito se relacionava com o objeto e o modo como a cultura propicia a sua elaboração, considerando que o rompimento não garante necessariamente um distanciamento com o que está “ausente” do sujeito.

Também Pinheiro, Quintella e Verztman (2010) trouxeram novas articulações com outros conceitos para abordar a distinção teórico-clínica entre luto, depressão e melancolia. Para isso, os autores recorrem à noção de *crença narcísica*, entendida como “um hiperinvestimento nas ideias de imortalidade e onipotência do eu, subjacentes à própria formação do eu-ideal. Revela-se como um modo de subjetivação que se sobrepõe à constituição do ideal do eu nos dias de hoje” (Pinheiro *et al.*, 2010, p. 148). De acordo com os autores, esse tipo de crença impõe um modo peculiar de reação à perda, que terá formas distintas no luto, na depressão e na melancolia. A guisa de conclusão, Pinheiro *et al.* (2010) caracterizam a depressão como uma forma de defesa diante da perda, sendo um modo de negá-la, de não renunciar ao objeto, constituindo-se como negação do desejo e um sintoma da contemporaneidade. Na melancolia, de modo distinto, há uma identificação narcísica com o objeto que foi perdido; e o luto se caracteriza não como uma negação ou como uma identificação, mas como um trabalho psíquico que promove a renúncia ao objeto. Outro autor segue nessa mesma linha de consideração: Goulart (2008) recorre a Freud em *Luto em Melancolia*, para sustentar que se no luto há uma renúncia ao objeto para que a libido recorra a novos investimentos, na melancolia há o direcionamento a um estágio no qual o objeto de identificação estaria tão rebaixado pelo Eu que esse último triunfaria, sinalizando então os estágios de mania característicos do melancólico.

Há ainda outro conceito psicanalítico articulado ao luto e apresentado por Mellor (2010): a sublimação. Para essa autora, o processo sublimatório diz respeito não à transformação da pulsão sexual, mas a uma chance de torná-la possível a partir de outros modos de realização (Mellor, 2010, p. 503). Em decorrência de toda sublimação, há uma perda que de certo modo irá implicar no processo de “investimento de um tempo futuro” (Mellor, 2010, p. 503), e a partir disso pode-se aproximar a sublimação dos momentos de reelaboração identificatória, processo que está inserido no trabalho do luto. Como destaca Mellor (2010), “a sublimação trabalha sobre o luto do próprio eu ou, mais precisamente, sobre o luto do eu-ideal todo poderoso” (p. 503). Nesse sentido, a autora defende que o processo sublimatório mostra-se como um meio eficaz de responder ao luto antecipado de si mesmo.

Ainda sobre outros modos de articulação, cabe citar os trabalhos de Saigh (2009) e Assis (2013) que apontam a relação entre luto e final de análise. Saigh (2009), ao tratar desse tema, considera o término das análises como equivalente a um trabalho de luto, com características específicas. Há, nesses casos, a hipótese de um sofrimento ocasionado pela perda da relação com o analista, pois, a seu ver, o término de uma análise pode reativar no

paciente situações arcaicas de separação, tendo características da experiência de desmame (Saigh, 2009, p. 109). De acordo com a autora, o luto desencadeia-se a partir do momento em que analista e analisando chegam a um consenso a respeito da decisão de pôr fim aos encontros analíticos. Em seu trabalho, Saigh (2009) indica situações de dificuldades de desligamento da análise e os meios que podem facilitar a ocorrência dessa separação. No primeiro ponto, como dificuldades no processo, a autora afirma que tanto analisando como analista podem envidar esforços no desligamento, a saber que, por parte do analista, este irá precisar confrontar-se com seus próprios lutos para que possa favorecer o trabalho de término. Ao analisando cabe a superação do sentimento de perda desencadeado por essa separação. É importante salientar que, quando necessário, se as reações depressivas se apresentarem demasiadamente fortes, será possível um adiamento do término até que o analista julgue que o analisando está pronto para superar a separação (Saigh, 2009, p. 116).

Nessa direção, Assis (2013) discute os afetos implicados no processo de conclusão da análise, enfatizando o papel da transferência nesse processo. É compreendido a partir disso que toda experiência psicanalítica “opera por meio do amor transferencial, porém não trabalha pelo amor” (Assis, 2013, p. 106). Nesse sentido, a autora argumenta que Freud utilizou do amor de transferência para servir-se dele na relação analítica, entendendo que “se o dispositivo analítico opera o amor, o analista programa o luto” (Assis, 2013, p. 106). O que se trata nesses casos é do reconhecimento do trabalho do luto como parte do processo analítico, tendo em vista que toda experiência analítica envolve um amor transferencial, sendo este o que irá possibilitar a separação que conduz ao fim da análise. Nas palavras de Assis (2013), o luto em análise é um trabalho que requer um desinvestimento libidinal para separar-se do analista, que fora investido pelo analisante como objeto causa de desejo. É o luto do analista reduzido ao objeto *a*, mas que ainda continua a causar seu desejo, até o momento em que deixará de funcionar como causa ao analisante (p. 108). Cabe destacar que a articulação entre luto e final de análise segue caminhos argumentativos distintos ao se considerar os artigos de Saigh (2009) e Assis (2013).

Dentre as articulações apresentadas entre o luto e outros conceitos, identifica-se ainda na literatura o papel do luto como uma função constitutiva na estruturação do desejo (Castilho & Bastos, 2013). Nessa perspectiva, toda perda é estruturante de um desejo, na medida em que o objeto perdido coloca-se como condição de um desejo existente, conferindo ao luto a função de estruturar os circuitos desejantes do sujeito. Na direção de melhor precisar as relações entre luto e desejo, Vieira (2005) parte da noção de perda como introdutória ao desejo, sendo esta concebida como um fato, acrescentando a observação de que não se pode dizer completamente daquilo que se perdeu. Não se sabe o que foi perdido, pois isto é “impossível de se esgotar com uma nomeação” (Vieira, 2005, p. 30), além disso, aquilo que foge à nomeação também se vincula à inacessibilidade do objeto. Segundo Vieira (2005), isso evidencia o caráter da ordem do real que constitui a perda.

Ampliando as discussões sobre a relação entre luto e desejo, Siqueira (2007) inclui as vivências de envelhecimento, por considerar que a velhice impõe ao idoso um modo diferente de ocupação diante do desejo. Nessa fase do desenvolvimento, o sujeito é marcado por um processo de ruptura desses desejos e, nessa perspectiva, a velhice poderia se apresentar ao sujeito como um meio de atualização da castração em função dos lutos decorrentes desta. Como aponta Siqueira (2007), “a aposentadoria, por exemplo, pode significar uma perda de poder e prestígio e de laço social, podendo até mesmo ocasionar uma ferida narcísica grave”

(p. 75). A autora reitera que não há velhice sem luto, pois esse processo já implica a realização de diversos lutos decorrentes da “atualização” das vivências do sujeito.

Lopes e Pinheiro (2013) abordam o luto a partir da noção de identificação, apresentada por Freud, pela primeira vez, em 1921, em uma publicação intitulada *Psicologia de Grupo e análise do Ego*. Nesse texto, Freud define a identificação como uma forma primária de laço emocional com um objeto, sendo portadora, desde o princípio, do caráter de ambivalência. Sobre isso, Lopes e Pinheiro (2013) apontam que há uma diferença entre a identificação e a escolha objetal, salientando que no processo de identificação o sujeito gostaria de ser o objeto, uma vez que na escolha objetal, a aspiração estaria na posse desse objeto. “Na identificação, a ligação afetiva ocorreria com o sujeito e, na relação objetal, incidiria sobre o objeto do ego” (Lopes & Pinheiro, 2013, p. 363). Nesse contexto, o processo de identificação surge da ação narcísica, possibilitando o desenvolvimento de um eu organizado, capaz de criar ligações de afeto. Lopes e Pinheiro (2013) apresentam o desenvolvimento do eu para introduzir a noção de identificação na relação mãe-bebê, considerando minimamente o caráter narcísico que a mãe deverá ter para que ocorra o processo de identificação com o bebê e assim estabelecer uma relação de afeto com este. Tendo em vista o processo de identificação que ocorre no momento gestacional, esses autores questionam o desligamento desse vínculo nos casos de perda por morte do bebê. A partir da análise de um caso clínico, apontam que a solução para o trabalho do luto nesses casos pode se dar por meio de outras formas de vinculação, permitindo que o sujeito possa novamente direcionar seus investimentos afetivos a outros objetos.

Diferentemente da perspectiva da identificação como um processo primário de vinculação, como exposto por Lopes e Pinheiro (2013), Indursky e Conte (2015) problematizam a identificação a partir da relação desta com os estados melancólicos. Para esses autores, na melancolia, o sujeito não reconhece a perda do objeto, inserindo-o em si sob a forma de uma identificação narcísica. Isso vem ao encontro da exposição trazida por Campos, (2013) que, ao tratar da melancolia como uma reação patológica à perda, considera que, nesse caso, há uma identificação com o objeto perdido. De acordo com Campos (2013),

Esse é o conceito de identificação melancólica: o objeto perdido é internalizado e identificado com o ego, de tal forma que o amor antes investido no objeto retorna ao ego invertido em seu oposto, ou seja, o ódio pelo abandono do objeto recai sobre o próprio ego do sujeito [...] Esse ideal de ego inatingível e mortífero é o que causa a auto-recriminação do ego, característica distintiva da melancolia em relação ao trabalho normal de luto. (p. 16)

A partir dessa definição e retomando o trabalho de Indursky e Conte (2015), cabe salientar o estudo realizado por esses autores acerca do processo de identificação melancólica nos casos de desenraizamento identitário em virtude de experiências de exílio e da manifestação do luto como decorrente da perda da pátria. Indursky e Conte (2015) expressam que, nesses casos, “o próprio espaço enquanto campo do desconhecido não se apresenta mais para o sujeito como possibilidade de identificação e criação de um *lugar de vida*, mas aversão psíquica a seu contato” (p. 277).

Esta análise dos artigos permite observar que a identificação pode ser compreendida na sua relação com o luto por meio de duas perspectivas: a primeira, como uma forma primária de laço emocional com o objeto – e que o luto seria, portanto, a reação à perda deste –, e a segunda forma, que compreende a identificação como um modo patológico de resposta perante a perda. É relevante considerar a importância da identificação como forma de laço

emocional, uma vez que esse processo será determinante no modo como o sujeito irá estabelecer futuras relações com outros objetos.

3 LUTO EM GRUPOS

Na intenção de expressar o luto a partir da dinâmica de grupos sociais, Santos (2015) realiza uma análise das músicas “Eles” e “A Voz do Morto” de Caetano Veloso. Nessa perspectiva, discute a possibilidade de músicas se apresentarem como uma forma de compreensão das mudanças ideológicas ocorridas no período da Ditadura Militar, evidenciando as perdas vivenciadas pelos ideários da esquerda. A autora pontua que as músicas de Caetano “formalizam o luto com a experiência político-cultural à esquerda que se formara em fins da década de 1950” (Santos, 2015, p. 57). Como conclusão, considera o caráter que as músicas possuíam de formalizar um luto dos ideais da esquerda e das políticas culturais nacionais-populares em que esse grupo estava envolvido.

Ao referir-se a tal assunto, Volkan (2006) afirma que há uma diferença no modo como o trabalho do luto é realizado individualmente ou em grupos. De acordo com o autor, a perda em grupos vai se manifestar como um processo social. Após uma perda grave e comum em um dado coletivo, podem surgir movimentos que atuem de modo a recuperar aquilo que foi perdido, evidenciando uma complicação no trabalho do luto ou uma tentativa de negar a perda do objeto, para assim recuperá-lo. Volkan (2006) parte da noção de “trauma selecionado” para demonstrar a representação mental de uma perda partilhada pelo grupo, evidenciando que “o trauma selecionado reflete a “infecção” do processo de luto do grande grupo, e sua reativação serve para unir seus membros” (p. 1203). Nesses processos, a manifestação do luto coletivo pode se apresentar de forma mais branda e menos evidente, como nas músicas de Caetano Veloso – considerando sobretudo o contexto de repressão social em que o grupo estava inserido –; além de se expressar de modo mais intenso de acordo com as violências de grupo consideradas por Volkan (2006), ao mencionar que a agressão nesses casos demonstra o medo e a reação por parte do grupo ao ver sua identidade ameaçada.

Percebe-se, nesses casos, que o modo como o luto é vivenciado e manifestado revela a relação estabelecida entre o coletivo e a perda, considerando, sobretudo, a singularidade existente na dinâmica de cada grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos artigos indicou a diversidade de perspectivas na abordagem do luto e possibilitou compreender esse conceito a partir de novas temáticas, para além do que já havia sido exposto por Freud em *Luto e Melancolia* (1917). Os resultados encontrados indicam que o luto pôde ser caracterizado tanto nos modos de elaboração dessa vivência, quanto em sua apresentação conceitual em articulação com outras noções no campo da Psicanálise, tais como, lembrança, amor, apego, melancolia, depressão, sublimação, final de análise, desejo e identificação.

A partir dos estudos, foi possível perceber uma evidente discussão clínica do luto, tendo em vista o número de análises de casos clínicos encontrados e de reflexões que apontam para a dimensão dinâmica da análise. A discussão do luto em grupos também parece ser uma vertente atual das investigações sobre o tema, cabendo destacar que parte dos trabalhos que

tratam dos modos de elaboração do luto aponta a importância da cultura e do contexto em que o sujeito está inserido para que o trabalho do luto seja efetivado de forma positiva.

Após a análise realizada, consideramos que o presente levantamento oferece contribuições para a caracterização atual do luto na teoria psicanalítica, uma vez que, partindo de relatos clínicos e análises de textos teóricos, apresentou diferentes vivências individuais e coletivas de luto, bem como discutiu conceitualmente o termo luto. No entanto, ainda cabe salientar a importância de estudos futuros que possam investir em novas reflexões acerca do luto, uma vez que as considerações trazidas por novos estudos podem ter implicações na prática psicanalítica, o que favorece a problematização das relações existentes entre teoria e prática.

REFERÊNCIAS

- Adamo, V. (2010). Uma história de amor entre André e Dorine revelada em Carta a D. Ide. *Ide*, 33(50), 166-172.
- Assis, M. (2013). O termo da transferência e os afetos da conclusão. *Stylus Revista de Psicanálise*, 27, 1-156.
- Batistelli, F. (2010). Caminhos na elaboração de um luto. *Jornal de Psicanálise*, 43(79), 155-162.
- Besset, V. (2007). Luto e angústia: questões em torno do objeto. *Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on Line*, 185-192.
- Campos, E. (2013). Considerações sobre a morte e o luto na Psicanálise. *Revista de Psicologia da UNESP*, 13-24.
- Caregnato, A., & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto Contexto Enferm*, 15(4), 679-684.
- Castilho, G., & Bastos, A. (2013). A função constitutiva do luto na estruturação do desejo. *Estilos da Clínica*, 89-106.
- Cavalcanti, A., Samzuk, M., & Bonfim, T. (2013). O conceito psicanalítico do luto: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. *Psicol inf*.
- Cazanatto, E., & Martta, M. (2014). A perda de um(a) filho(a) jovem no romance Paula, de Isabel Allende. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 540-554.
- Creмасco, M., Schinemann, D., & Pimenta, S. (2015). Mães que perderam filhos: uma leitura psicanalítica do filme Rabbit Hole. *Psicologia Ciência e Profissão*, 54-68.
- Franco, M., & Mazorra, L. (2007). Estudos de Psicologia, 503-511.
- Franco, V. (2015). Paixão-dor-paixão: pathos, luto e melancolia no nascimento da criança com deficiência. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, 204-220.
- Freud, S. (1917). *Luto e Melancolia*, (Sigmund Freud Obras Completas, pp. 127-144). Brasil: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1914-1916). *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. (História do Movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos, Vol. XIV). Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud
- Gil, A.C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. Brasil: Editora Atlas.
- Goulart, A. (2008). Com a alma desabitada: Reconsiderações sobre Luto e Melancolia. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 103-114.
- Iaconelli, V. (2007). Luto insólito, desmentido e trauma: clínica psicanalítica com mães de bebês. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, 614-623.

- Indursky, A., & Conte, B. (2015). Trabalho psíquico do exílio: O corpo à prova da transição. *Ágora*, 273-288.
- Ireland, V. (2011). A dor do luto e seu acolhimento psicanalítico. *Estudos de Psicanálise*, 151-166.
- Klein, M. O sentimento de solidão. Rio de Janeiro: Imago, 1971.
- Klein, M. Amor, ódio e reparação. Rio de Janeiro: Imago, 1961.
- Lacan, J. O Seminário 10: A Angústia. Brasil: Editora Jorge Zahar.
- Lopes, C., & Pinheiro, N. (2013). Notas sobre algumas implicações psíquicas na desconstrução da maternidade no processo de luto: um caso de nascimento-morte. *Estilos da Clínica*, 358-371.
- Lorenzi, C. (2012). Uma aproximação da crítica literária à psicanálise na leitura de *O filho Eterno*, de Cristóvão Tezza: relações entre leitor, narrador e personagem. *Jornal de Psicanálise*, 99-112.
- Mello, J. (2011). Amor, Luto e Psicanálise. *Ide*, 185-192.
- Mellor, S. (2010). Os ideais e a sublimação. *Psicologia USP*, 501-512.
- Menezes, L. (2007). A linguagem e o trabalho do luto na rememoração. *Ide*, 8-12.
- Monteiro, M. (2008). Trauer und Melancolie: Medéia revisitada. *Cógito*, 60-63.
- Moreira, W. Revisão de Literatura e Desenvolvimento Científico: conceitos e estratégias para confecção. Brasil: Editora Janus.
- Nascimento, C., Coelho, M., Jesus, M., & Martins, W. (2006). Apego e perda ambígua: apontamentos para uma discussão. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 426-449
- Oishi, K. (2014). O jardim de Júlia: a vivência de uma mãe durante o luto. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 5-11.
- Peres, U. T. Depressão e Melancolia. Brasil: Editora Zahar.
- Pinheiro, M., Quintella, R., & Verztman, J. (2010). Distinção teórico-clínica entre depressão, luto e melancolia. *Psicologia Clínica*, 147-168.
- Pinho, M., & Rosa, M. (2013). Luto em versão contemporânea: as tatuagens memoriais. *Trivium*, 18-28.
- Rivera, T. (2012). Luto e melancolia, de Freud, Sigmund. *Novos estud. – CEBRAP*, 231-237.
- Rudge, A. (2008). Que atos são esses? Luto e acting out. *Psychê*, 67-78.
- Saigh, Y. (2009). A elaboração do luto e as dificuldades de desligamento no pós-término de análise. *Psicologia USP*, 109-124.
- Santos, D. (2015). A formalização da derrota: sobre “Eles” e “A voz do morto” de Caetano Veloso, 56-81.
- Schmidt, E. (2013). Melancolia, depressão e suas narrativas. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 88-99.
- Seren, R., & Tilio, R. (2014). As vivências do luto e seus estágios em pessoas amputadas. *SPAGESP*, 64-78.
- Silva, M., & Ulhôa, A. (2015). A construção do caso clínico na prática hospitalar: algumas reflexões sobre luto e toxicomania. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 503-514.
- Siqueira, E. (2007). A depressão e o desejo na Psicanálise. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 71-80.
- Tanis, B. (2009). Especificidade no processo de elaboração do luto na adolescência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 39-50.
- Vieira, A. (2005). Objeto e desejo em tempos de superexposição. *Ágora*, 27-40.

Souza, Andressa Mayara Silva; Pontes, Suely Aires. As diversas faces da perda: o luto para a psicanálise

- Viola, S. (2008). *O trabalho de luto e a experiência analítica: transitoriedade e contingência*. Dissertação de Mestrado – Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Volkan, V. (2006). Psicodinâmica da violência de grandes grupos e da violência de massas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 1199-1210.

RESUMO

O presente estudo teve por objetivo caracterizar a produção sobre o tema luto na literatura psicanalítica atual, a partir de uma revisão bibliográfica constituída por artigos publicados nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), produzidos no período de 2005 a 2016. A seleção dos artigos foi feita por meio da palavra-chave “luto”, tendo a amostra compreendido 40 artigos de acordo com os critérios de inclusão e exclusão. A partir da leitura da amostra, os artigos foram categorizados nos seguintes eixos temáticos: Modos de elaboração do luto, Luto e outros conceitos da Psicanálise, e Luto em grupos. Como resultado da análise realizada, reconheceu-se a diversidade de perspectivas dos trabalhos que tratam do luto. Nos modos de elaboração do luto, a literatura apresentou vivências de perda de pais, filhos, elaboração de perdas por amputamento e desenraizamento identitário, bem como a discussão sobre luto em grupos. Foi possível observar a articulação do luto com os seguintes conceitos: lembrança, amor, apego, melancolia, depressão, sublimação, final de análise, desejo e identificação. Cabe salientar a importância de realização de estudos futuros que possam investir em reflexões acerca do luto, uma vez que as considerações trazidas por novos estudos podem ter implicações para a prática psicanalítica, o que favorece a problematização das relações existentes entre teoria e clínica.

Palavras-chave: Luto; Psicanálise; Revisão bibliográfica.

The various faces of loss: mourning for psychoanalysis

ABSTRACT

This study aimed to characterize the production about the mourning in psychoanalytic literature as a bibliographic review about articles published in databases Scientific Electronic Library Online (SciELO) and Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic), on the period from 2005 to 2016. The selection of the articles was performed by using the keyword "mourning" and the sample comprehended 40 items according to the inclusion and exclusion criteria. The articles were categorized in thematic axes: modes of working through the mourning, Mourning and other concepts of psychoanalysis and mourning in groups. As a result of the analysis, we recognized the diversity of perspectives of the articles which discuss the concept of mourning. In modes of working through the mourning, the literature presented experiences of loss of parents, of children, abscission and identity deracination, as well as the discussion of mourning in groups. Furthermore, it was possible to observe the articulation of mourning with the concepts: remembrance, love, attachment, melancholy, depression, sublimation, Final analysis, identification and desire. In spite of the information submitted, it is appropriate to stress the importance of future studies which can invest in new reflections about mourning. The considerations brought by new studies may have implications in psychoanalytic practice, which favors the problematization of the relationship between theory and practice.

Keywords: Mourning. Psychoanalysis. Bibliographic Review.

Las diferentes facetas de la pérdida: el duelo en la psicoanálisis

RESUMEN

Souza, Andressa Mayara Silva; Pontes, Suely Aires. As diversas faces da perda: o luto para a psicanálise

Este estudio tuvo como objetivo caracterizar la producción acerca del duelo en la literatura psicoanalítica actual, a partir de una revisión bibliográfica de artículos publicados en las bases de datos Scientific Electronic Library Online (SciELO) y Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), en el periodo entre 2005 y 2016. La selección de artículos se realizó a través de la palabra "duelo", teniendo la muestra una composición de 40 artículos según los criterios de inclusión y exclusión. A partir de la lectura de la muestra, los artículos fueron clasificados en los siguientes temas: modos de desarrollo del duelo, duelo y otros conceptos en psicoanálisis y duelo en grupos. Como resultado del análisis, nos dimos cuenta de la diversidad de perspectivas del trabajo acerca del duelo. La literatura presenta experiencias de pérdida de los padres, de los niños, abscisión y desarraigo de identidad, así como la discusión de luto en grupos. Además, fue posible observar la articulación del duelo con los siguientes conceptos: depresión, melancolía, amor, apego, sublimación, identificación y deseo. Debe tenerse en cuenta la importancia de los estudios futuros que puedan producir reflexiones acerca del duelo, ya que las consideraciones presentadas por nuevos estudios pueden tener implicaciones para la práctica psicoanalítica, lo que favorece el cuestionamiento de la relación entre la teoría y la práctica.

Palabras clave: Duelo. Psicoanálisis. Revisión bibliográfica.

Les multiples facettes de la perte: le deuil en la psychanalyse

RESUME

Cette étude visait à caractériser la production sur le deuil dans la littérature psychanalytique actuelle, à partir d'une revue bibliographique que se compose d'articles publiés en Scientific Electronic Library Online (SciELO) y Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), dans la période de 2005 à 2015. La sélection des articles a été faite par le mot-clé "deuil", et l'échantillon comprenait 40 articles selon les critères d'inclusion et d'exclusion. Les articles ont été classés dans les thèmes suivants: les modes de développement du deuil, le deuil et d'autres concepts de la psychanalyse et le deuil des groupes. Après l'analyse, nous avons reconnu la diversité des points de vue des travaux sur le deuil. La littérature a présenté les expériences de perte des parents, des enfants, la préparation des pertes et le déracinement de l'identité, ainsi que la discussion de deuil dans les groupes. Il était possible d'observer la articulation avec les concepts suivants: l'amour, la toxicomanie, la mélancolie, la dépression, la sublimation, le désir et l'identification. Il faut observer l'importance de nouvelles études qui peuvent investir dans des réflexions sur le deuil, puisque leurs considérations peuvent avoir des implications pour la pratique psychanalytique, ce qui favorise la mise en question de la relation entre la théorie et la pratique.

Mots clés: Deuil. Psychanalyse. Revue bibliographique.